ESPAÇO EM REVISTA
ISSN: 1519-7816

ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA EM ITUMBIARA (GO): dispersão e descontinuidades territoriais[1]

Vitor Koiti Miyazaki[2]

Docente do curso de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal (PPGEP), do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (ICH-UFU)
E-mail: vitorkoiti@gmail.com

Resumo
As constantes transformações verificadas nas cidades ao longo do tempo têm contribuído para que o espaço urbano se torne ainda mais complexo, o que demanda, tanto por parte dos pesquisadores quanto dos gestores, novos olhares e abordagens para a compreensão dessa realidade. Nesse contexto, apresentamos elementos que demonstram a importância da morfologia urbana como uma possibilidade de estudo e análise das cidades, sobretudo em relação às transformações no âmbito das configurações territoriais urbanas. Nota-se, cada vez mais, uma tendência à dispersão territorial das cidades, sem haver necessariamente uma ocupação territorialmente contínua. Tendo em vista estes aspectos, analisamos a cidade de Itumbiara (GO) a partir de alguns elementos que compõe o estudo da morfologia urbana. Os resultados mostram que certas lógicas da produção do espaço urbano se fazem presentes também em cidades de porte médio do interior do país, mesmo em contextos não metropolitanos, evidenciando-se problemas e desafios para o planejamento e gestão urbana.
Palavras-chave: Morfologia urbana; Produção do espaço urbano. Dispersão urbana. Descontinuidades territoriais urbanas. Itumbiara (GO).

ANALYSIS OF URBAN MORPHOLOGY IN ITUMBIARA (GO): dispersion and territoial discontinuities

Abstract
The constant changes in cities over time have contributed to make the urban space even more complex, a fact that has demanded both researchers and managers new perspectives and approaches for understanding this reality. In this context, we present elements that demonstrate the importance of urban morphology as a possibility for study and analysis of cities, especially in relation to the transformations within the urban territorial configurations. Increasingly, there is a tendency towards the territorial dispersion of cities, without necessarily having a territorially continuous occupation. Considering these aspects, we analyze the city of Itumbiara, in Goiás state, from some elements that compose the study of urban morphology. The results show that certain logics of urban space production are also present in medium-sized cities in the interior of the country, even in non-metropolitan contexts, highlighting problems and challenges for urban planning and management.
Keywords: Urban morphology. Production of urban space. Urban sprawl. Urban territorial discontinuities. Itumbiara (GO).

[1] Texto elaborado a partir de resultados de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG – Edital Demanda Universal 2015.
[2] Professor do Curso de Graduação em Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal, Instituto de Ciências Humanas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia.

Introdução

As diferentes configurações territoriais urbanas verificadas em várias cidades do país na atualidade, cada uma inserida em contextos socioespaciais específicos, demonstram a diversidade da urbanização brasileira. Nesse contexto, por meio da realização de vários estudos, torna-se fundamental analisar as especificidades das cidades, tanto com o intuito de compreender as características de cada realidade e, dessa forma, contribuir para o planejamento urbano e políticas públicas em geral, quanto para uma leitura mais ampla do processo de urbanização.

Em cada cidade, ou ainda, em determinados setores ou bairros, frente às especificidades locais e regionais, é possível observar, em alguns casos, áreas urbanas territorialmente descontínuas e dispersas e, em outros, mais compactas e contínuas, ou mesmo uma mescla dessas configurações. Isso é evidente nos vários centros urbanos brasileiros, principalmente nas cidades de maior porte demográfico ou com alto grau de complexidade em relação aos papéis e funções urbanas.

Diante destas características, neste texto abordamos a análise da morfologia urbana como uma das possibilidades de se examinar as transformações verificadas nas cidades, sobretudo em relação às suas configurações territoriais.

Feita esta contextualização em relação as transformações verificadas na urbanização brasileira, destacamos que frente à diversidade regional e variedade de tipologias que compõe os centros urbanos brasileiros, torna-se importante a análise de diferentes cidades, de portes e contextos distintos. A título de exemplo, as transformações nas configurações territoriais se fazem presentes não só nas grandes cidades e metrópoles, como também em centros urbanos de menor porte, situados, por exemplo, no interior do país.

Neste cenário, optamos por analisar o caso da cidade de Itumbiara, localizada no sul do estado de Goiás. Esta cidade, que possui cerca de 100 mil habitantes, apresenta uma dispersão territorial significativa da área urbana, com repercussões importantes no âmbito da estruturação da cidade.

Assim, este texto está estruturado em três partes, além desta breve introdução. Inicialmente, a partir de uma revisão de literatura, realizamos uma discussão teórica a respeito da morfologia urbana como possibilidade de apreensão das configurações territoriais das cidades. Em seguida, a partir de um conjunto de dados e mapas, analisamos a morfologia urbana de Itumbiara, evidenciando-se as características mais expressivas. Por fim, na última

parte, apresentamos algumas considerações a respeito do tema, inclusive considerando-se os elementos empíricos obtidos por meio da análise da cidade em questão.

A perspectiva da morfologia urbana

As constantes transformações verificadas nas cidades ao longo do tempo têm contribuído para que o espaço urbano se torne ainda mais complexo, o que demanda, tanto por parte dos pesquisadores quanto dos gestores, novos olhares e abordagens para a compreensão dessa realidade.

Tem-se, portanto, uma situação de desafios para o entendimento das modificações em curso no espaço urbano, considerando-se que é fundamental, nesse enquadramento, o aprofundamento do debate teórico e metodológico que contribuam para a realização de estudos empíricos.

É a partir deste balizamento inicial que se ressalta a existência de diferentes caminhos teóricos e metodológicos para se compreender as lógicas inerentes ao processo de produção do espaço urbano. Dentre as diversas perspectivas disponíveis, neste trabalho optamos pela análise da morfologia urbana, muito utilizada nos estudos da área do urbanismo. No âmbito da Geografia, é preciso ter clareza de como a abordagem da morfologia urbana pode ser empregada, dada as especificidades da área e certa confusão que pode ser feita em relação às visões de forma e paisagem urbana. Sendo assim, nesta parte do texto elencaremos três elementos importantes a serem considerados na abordagem sobre morfologia urbana.

Um primeiro ponto que é importante destacar diz respeito à necessidade de compreender a morfologia urbana no âmbito da produção do espaço urbano que, por sua vez, é entendida a partir da perspectiva de um processo que contempla a atuação e, portanto, interesses, de diferentes agentes (CORRÊA, 2011), a partir das complexas relações que se processam para além das formas espaciais. Como já abordado por Gottdiener (2010), para se compreender a organização espacial contemporânea, é preciso contemplar a dimensão social atrelada às lógicas de produção/reprodução do espaço, não se restringindo apenas às configurações da forma. Portanto, para a discussão sobre morfologia urbana, é preciso levar em consideração a produção do espaço em seu sentido amplo, como apresenta Carlos (2011, p.62), ao considerá-la "como ato de produção da vida em todas as suas dimensões".

Propomos, portanto, esta perspectiva de produção do espaço como via fundamental para a análise da morfologia, contemplada tanto a partir de seu sentido amplo, como

apresentado por Carlos (2011), assim como por meio dos conflitos e simultaneidade da ação dos diferentes agentes, conforme abordado por Corrêa (2011).

Um segundo aspecto relevante diz respeito à necessidade de se compreender a forma urbana numa perspectiva mais ampla, principalmente que supere a visão restrita à forma em si. Para além dos limites e dos aspectos da forma, é essencial que se considere os conteúdos que a constituem. Assim sendo, a leitura e análise da forma urbana deve contemplar, por exemplo, os diversos elementos concernentes ao processo histórico. Sobre o assunto, Lefebvre (1999, p.110), ao abordar a importância da centralidade no âmbito do fenômeno urbano, ressalta que não podemos ficar restritos apenas à forma no "sentido habitual do termo, isto é, geométrico ou plástico" para se tratar somente da disposição espacial. Isto porque, para o autor, a centralidade dá conta de apreender "o movimento dialético" de constituição/desconstituição.

Tais ponderações são pertinentes pelo fato de que, em alguns casos, há certa confusão na análise da forma urbana com uma visão restrita de observação da paisagem, limitada apenas ao visível e ao momentâneo. Santos (1977, p. 81) estabelece uma crítica neste sentido ao afirmar que a Geografia "se interessou mais pela forma das coisas do que pela sua formação", sendo que o seu "domínio não era o das dinâmicas sociais que criam e transformam as formas, mas o das coisas já cristalizadas, imagem invertida que impede de apreender a realidade e não se faz intervir a História". Diante disso, é necessário que o processo histórico seja levado em consideração para uma leitura voltada muito mais às dinâmicas do que à forma cristalizada.

Com o intuito de apresentar uma visão mais ampla de forma urbana, Holanda et al. (2000, p. 11) enfatizam que "falar em forma urbana ou espaço urbano remete, necessariamente, à abordagem dos processos de organização social na cidade a partir de suas características configurativas". Isto porque a definição de forma circunscrita aos limites exteriores da forma em si é superada a partir do momento em que o termo vem acompanhado da adjetivação urbana, que traz consigo uma série de elementos atrelados ao processo de urbanização. Essa perspectiva contribui para dar significado mais amplo à ideia de forma urbana, aproximando-a com a perspectiva da morfologia urbana. Nesse caso, Sposito (2004, p. 65) afirma que "o termo morfologia é designativo daquilo que se refere à forma, mas o conceito de morfologia urbana vai muito além da análise das formas urbanas em si, embora as contenha".

Apesar dos estudos sobre morfologia urbana terem uma longa história na Geografia, somente num período mais recente as análises passaram a contemplar esta perspectiva mais abrangente. Pacione (2009, p.137) ressalta que as abordagens mais recentes sobre morfologia urbana têm procurado "to advance from description and classification of urban forms to analysis of the causal forces underlying changes in the pattern of urban land". Ou seja, para além das formas, passa-se a considerar também as forças que levam à alteração e/ou configuração das formas. O autor destaca ainda que "these attempts to explore the backgrounds, motivations and actions of the major agents in the creation of townscapes at the local level represent a major advance on the earlier descriptive classifications of town plans" (PACIONE, 2009, p. 138).

Reforça-se que o foco mais relevante para a Geografia está justamente no sentido de explorar as origens, as motivações e as ações dos principais agentes que criam as formas urbanas, uma vez que, como destacou Roncayolo (1990, p. 91), "il existe une certaine logique des formes urbaines, qui n'est pas seulement inertie". Dessa maneira, evidencia-se a importância dos aspectos históricos, uma vez que para cada momento há um conjunto de lógicas e interesses na produção do espaço urbano.

Capel (2002, p. 20) destaca que o estudo da morfologia exige "una aproximación estructural, es decir, que tenga en cuenta los diversos elementos componentes y sus interrelaciones, y diacrónica, es decir histórica, que dé cuenta de las transformaciones". Por isso, ainda para Capel (2002), é fundamental compreender "los mecanismos de transformación de las estructuras" para além da simples análise do tecido urbano. Isto porque a cidade é a "expressão de processos sociais" e por isso "reflete as características da sociedade" (CORRÊA, 2001, p.121).

Em síntese, destacamos as considerações feitas por Sposito (2004), quando afirma que

> [...] o conceito de morfologia urbana não se referiria a uma dada forma urbana (extensão e volume), tal como ela se apresenta configurada espacialmente, mas ao processo de sua gênese e desenvolvimento, segundo os quais podemos explicar essa morfologia e não apenas descrevê-la ou representá-la gráfica ou cartograficamente (SPOSITO, 2004, p. 66).

Sendo a gênese e o desenvolvimento das formas urbanas importante para a análise da morfologia urbana, é preciso considerar que o desenvolvimento da cidade capitalista foi marcado pela produção de desigualdades. Este aspecto constitui-se no terceiro elemento importante para a abordagem da morfologia urbana.

O espaço urbano é constituído por um amplo conjunto de usos e funções, configurando uma morfologia heterogênea. Como já destacou Beaujeu-Garnier (1997, p. 116), "no interior do espaço urbanizado, a homogeneidade está longe de ser perfeita". Dos usos predominantemente comerciais e de prestação de serviços concentrados nas áreas centrais densamente ocupadas, até chegarmos às áreas residenciais periféricas de baixa densidade de ocupação, há várias tipologias e situações.

Para além destas situações de diferenças relativas aos usos da terra e à densidade de ocupação, ressaltamos a relevância das desigualdades socioeconômicas que se fazem presentes nas cidades. Isto porque, embora a heterogeneidade característica das cidades se manifeste a partir de diferentes elementos, é a partir das variáveis socioeconômicas que essas diferenças se tornam mais evidentes e marcantes. As condições sociais e econômicas dos indivíduos têm, portanto, peso relevante na configuração das morfologias urbanas, principalmente considerando-se a propriedade privada da terra e o acesso a ela. Esses aspectos agregam conteúdos qualitativos à análise da densidade e distribuição, por exemplo. Somente a título de exemplo, diferentes bairros periféricos densamente ocupados podem ter conteúdos distintos, embora em muitos casos, tais situações estejam vinculadas às populações de mais baixa renda.

Nesse contexto, cabe ressaltar as considerações já feitas por Corrêa (2001, p.148), a respeito do espaço urbano capitalista que:

> é profundamente desigual: a desigualdade constitui-se em característica própria do espaço urbano capitalista, refletindo, de um lado, a desigualdade social expressa no acesso desigual aos recursos básicos da vida e, de outro, as diferenças locacionais das diversas atividades que se realizam na cidade (CORRÊA, 2001, p. 148).

Portanto, ao se analisar a morfologia urbana, torna-se imprescindível considerar os aspectos que configuram as desigualdades, sobretudo sociais e espaciais, em decorrência das repercussões destas na produção do espaço urbano. Neste sentido, Santos (1981, p.173) menciona que "existem duas ou diversas cidades dentro da cidade. Este fenômeno é o resultado da oposição entre níveis de vida e entre setores de atividade econômica, isto é, entre classes sociais". E essas "cidades dentro de cidades" se comunicam entre elas, gerando fluxos e deslocamentos que também impactam na configuração da morfologia das cidades.

Poderíamos elencar aqui diversos outros elementos que contribuem para a análise da morfologia urbana. No entanto, consideramos os três componentes explorados anteriormente como fundamentais, sobretudo para que não se tenha uma visão restrita da ideia de forma

urbana e, consequentemente, da morfologia urbana. Ao se incluir a dinâmica da produção do espaço urbano, a perspectiva da morfologia urbana se amplia e passa a contemplar de maneira mais ampla a complexidade das cidades.

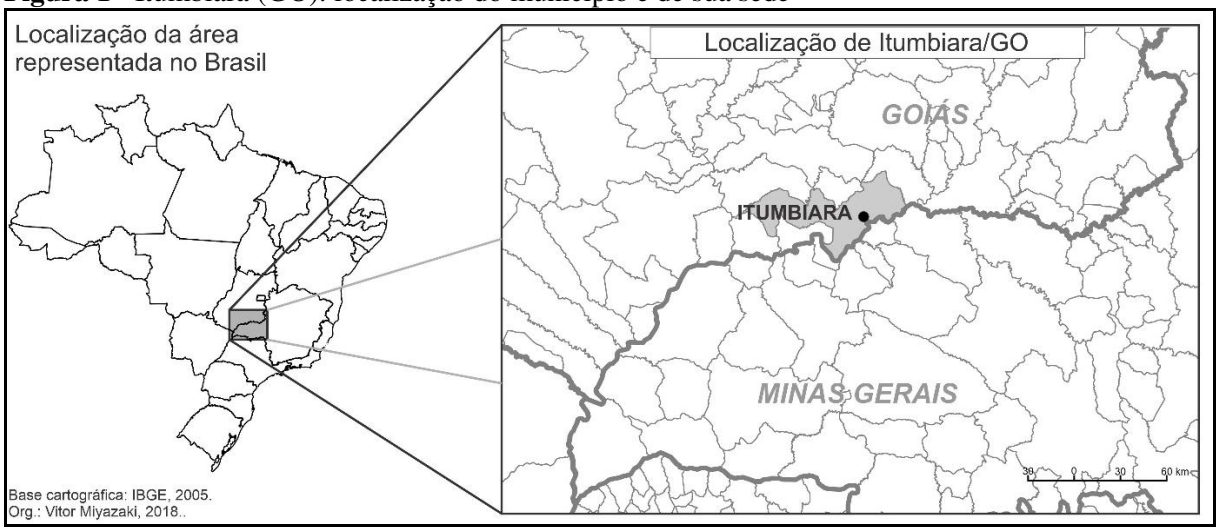
Soma-se a estas considerações o fato de que ao longo das últimas décadas, frente à intensificação do processo de urbanização, diversas cidades passaram por transformações importantes em suas configurações espaciais. Observa-se, cada vez mais, uma tendência à dispersão territorial das cidades, sem haver necessariamente uma ocupação contínua. As análises destas transformações podem ser muito bem contempladas a partir do estudo da morfologia urbana que, por sua vez, deve abranger aspectos mais amplos do espaço urbano.

Feitas estas considerações, partimos no item a seguir à análise da morfologia urbana em uma cidade de porte médio, com o intuito de demonstrar que modificações importantes têm ocorrido em suas configurações territoriais, mesmo distante dos grandes centros e fora de contextos metropolitanos. Evidencia-se, desta maneira, que há um predomínio de certas lógicas e interesses que permeiam o processo de produção do espaço urbano, independentemente do porte ou da inserção regional das cidades.

Morfologia urbana de Itumbiara (GO)

Considerando-se a abordagem da morfologia urbana apresentada anteriormente, bem como o contexto de transformações nas configurações territoriais das cidades, procederemos à análise da cidade de Itumbiara, localizada no sul do estado de Goiás (figura1). O município de Itumbiara está localizado mais especificamente na microrregião geográfica da Meia Ponte situada, por sua vez, na mesorregião geográfica do Sul Goiano.

Figura 1 - Itumbiara (GO): localização do município e de sua sede



Fonte: IBGE, 2005. **Org**.: Vitor K. Miyazaki, 2018.

Sua origem está ligada à "instalação de um posto de arrecadação das rendas estaduais às margens do rio Paranaíba, onde, pouco antes, havia sido construído um porto (RODRIGUES, 2014, p.44), ainda no século XIX. A sua localização, nas margens do rio Paranaíba e na divisa entre os estados de Goiás e Minas Gerais, proporcionou papéis importantes para Itumbiara ao longo de sua história.

Para Lima (2005), Itumbiara:

> [...] inicialmente era um posto aduaneiro e em torno deste criou-se a cidade, é hoje o mais importante centro de fiscalização do Estado. Primeiro, porque a cidade é um centro regional pela sua produção agrícola comercial e por sua industrialização, o que contribuiu para seu rápido processo de urbanização e, segundo, por continuar a ser o portal de entrada e saída para o Norte, Centro-Oeste, Sudeste e parte do Nordeste do país, via BR-153, mantendo-se, portanto com suas funções iniciais de fiscalização, agora com uma amplitude bem mais acentuada (LIMA, 2005, p. 7842).

Estas características ligadas à sua situação geográfica e das funções desempenhadas no âmbito da economia local e regional contribuíram para o fortalecimento de sua centralidade. Destaca-se o fato de Itumbiara se constituir no principal centro urbano da região, sendo classificada como "centro sub-regional"[3] pelo IBGE (2008), polarizando diretamente outras sete cidades. Esta centralidade apresentada por Itumbiara inclusive dá nome às regiões geográficas imediata e intermediária[4] onde está situada.

Segundo o levantamento feito pela FIEG (2018, p.13), o "crescimento do município ocorreu em duas etapas, sendo a primeira na década de 1950, motivada pela agricultura, com a produção de arroz e posteriormente milho, e em 1972, com a chegada de Furnas à Itumbiara". A construção da usina hidrelétrica constitui-se em um marco importante para o município.

Reis e Pantaleão (2014, p.155), ao analisarem três cidades médias goianas, afirmam que alguns centros urbanos, entre eles Itumbiara, "Antes consideradas cidades de fronteira agrícola, passaram a desempenhar importante papel numa rede urbana entre as áreas produtivas e cultivo de grãos, cana-de-açúcar e pecuária, redefinindo as relações geográficas

[3] A classificação utilizada pelo IBGE (2008) no estudo Região de Influência de Cidades varia do menor nível até o maior nível da hierarquia urbana, sendo: centro local, centro de zona B, centro de zona A, centro sub-regional B, centro sub-regional A, capital regional C, capital regional B, capital regional A, metrópole, metrópole nacional e grande metrópole nacional.

[4] Considerando-se a divisão pautada nas articulações regionais do IBGE, Itumbiara está localizada na Região Geográfica Imediata de Itumbiara que, por sua vez, faz parte da Região Geográfica Intermediária de mesmo nome.

do interior do país", especialmente a partir da estruturação de uma rede rodoviária que permitiu o escoamento da produção.

Itumbiara é, portanto, um centro urbano importante no âmbito do sul do estado, possuindo uma população municipal de pouco mais de 92 mil habitantes no último levantamento censitário, e com uma estimativa de 103.652 moradores em 2018. Na tabela 1 é possível verificar a evolução demográfica de Itumbiara, considerando-se a população total e urbana.

Tabela 1 - Itumbiara (GO): evolução da população municipal e urbana - 1970-2010.

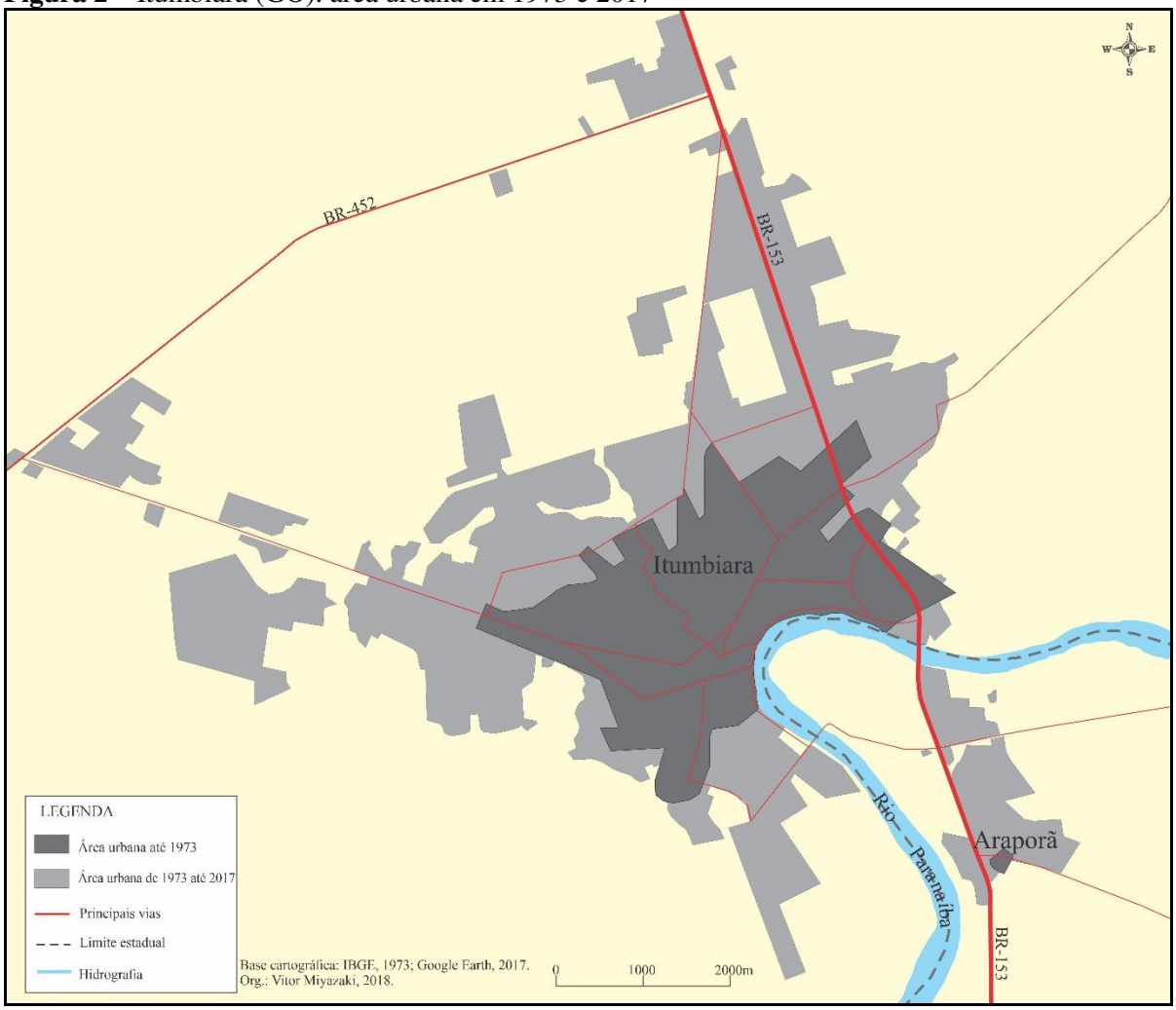
Município	Situação	1970	1980	1991	1996	2000	2007	2010
Itumbiara	Total	64.162	8.049	9.533	8.669	81.430	8.109	2.883
	Urbana	3.867	2.010	2.335	3.671	77.123	4.041	8.942

Fonte: IBGE, 2010. **Org**.: Vitor Miyazaki, 2018.

Nota-se a evolução mais expressiva da população urbana, sobretudo entre as décadas de 1970 e 1991, período em que o país como um todo verificou uma intensificação do processo de urbanização. Enquanto o percentual de população urbana era de 52,78% em 1970, em 2010 o número saltou para 95,76%. Isto evidencia um rápido e intenso crescimento demográfico da população urbana e, consequentemente, um crescimento territorial da cidade para receber e comportar este contingente populacional. Siqueira e Silva (2014), em estudo sobre a dinâmica do emprego em Itumbiara, também destacam o crescimento expressivo verificado na cidade a partir dos anos 1960, sobretudo como desdobramento da produção e circulação de mercadorias e capital por meio da indústria e da agricultura.

Esta relação entre o aumento populacional e o crescimento territorial da cidade de Itumbiara é evidenciada por meio das informações contidas na figura 2.

Figura 2 – Itumbiara (GO): área urbana em 1973 e 2017



Base cartográfica: IBGE, 1973 e Google Earth, 2017. **Org**.: Vitor K. Miyazaki, 2018.

É possível notar que a expansão territorial foi expressiva a partir da década de 1970. Outro aspecto que fica evidente no processo de crescimento da cidade é que até 1973 Itumbiara apresentava uma área urbana mais compacta e caracterizada pela continuidade territorial.

Sobre este assunto, cabe ressaltar que por muito tempo grande parte das cidades crescia de forma relativamente compacta, com poucas descontinuidades territoriais. A expansão territorial verificada em Itumbiara até 1973 demonstra este tipo de crescimento. Pierre George (1983, p.74), ao abordar a "estrutura do organismo urbano", relata sobre o desenvolvimento da cidade a partir do núcleo central: "Desenvolvendo-se ao redor do núcleo inicial, a cidade articula-se de maneira diversa, em elementos de dimensões variáveis, com maior ou menor continuidade, bairros ou grupos de bairros".

Porém, a partir da intensificação do processo de urbanização e o desenvolvimento de tecnologias de transporte, circulação e comunicações, houve mudanças significativas no processo de expansão territorial das cidades. Ainda de acordo com George (1983), há casos em que pode haver maior continuidade ou descontinuidade nos espaços urbanos:

> [...] se a expansão urbana, em lugar de efetuar-se em massas compactas e em anéis contínuos, se estende ao longo de certos eixos de desenvolvimento (vales ou vias de circulação), a cidade se articula em elementos lineares entre os quais subsistem, por um período de tempo variável, zonas rurais (GEORGE, 1983, p.74).

No caso de Itumbiara, a partir da década de 1970, a expansão territorial passou a ocorrer ao longo dos eixos viários principais, não se manifestando mais necessariamente em massas compactas e anéis contínuos. George (1983) menciona que a experiência de descontinuidade era retratada em grandes centros urbanos, por "ilhas isoladas de urbanização, separadas da massa urbana principal". No entanto, atualmente tal característica é evidente também em cidades de menor porte demográfico, como é o caso de Itumbiara.

É neste contexto que Sposito (2004) destaca a contradição existente entre a concentração, no âmbito do processo de urbanização compreendido em seu sentido mais amplo, em relação à "tendência inversa de emergência de territorialidades marcadas pela extensão das áreas urbanas, por meio de formas espaciais mais dispersas e, muitas vezes, descontínuas" (SPOSITO, 2004, p.11), o que pode contemplar cidades de diferentes portes e graus de complexidade.

Ao retomarmos a figura 2, nota-se que a partir de 1973 a expansão territorial em Itumbiara foi intensificada e, no período atual, evidencia-se uma área urbana significativamente dispersa e marcada por muitas descontinuidades territoriais. Dados levantados por Farias et al. (2017) mostram que Itumbiara possui uma área urbanizada de 42,33 quilômetros quadrados, sendo que cidades com porte demográfico semelhante ou mesmo superior apresentam valores menores.

Em Itumbiara, se por um lado a expansão territorial foi contida pelos limites impostos pelo rio Paranaíba à sudeste[5], nota-se uma dispersão intensa em direção ao norte (eixo da rodovia BR-153) e noroeste (avenida Modesto de Carvalho em direção à BR-452). Tal característica já foi ressaltada por Reis e Pantaleão (2014), que também destacaram o

[5] Trata-se de um limite físico e político-administrativo, uma vez que Itumbiara conforma um processo de aglomeração urbana com o município vizinho de Araporã, conforme destacado por Miyazaki (2016). Neste caso, a dispersão e a descontinuidade territorial contemplam mais de um município, sendo as áreas urbanas conectadas e integradas por meio dos deslocamentos da população.

papel da orla do rio Paranaíba como um importante eixo de expansão, num primeiro momento. Atualmente, o rio acaba se constituindo em um impedimento físico e político-administrativo (por se constituir no limite dos municípios e entre duas unidades da federação) para a expansão urbana, tendo grande parte de sua orla já ocupada pela cidade. Trata-se de um contexto de expansão territorial ligada ao uso do automóvel e valorização das principais vias de circulação rodoviária. A possibilidade de deslocamento por distâncias maiores em tempos menores permitiu mudanças importantes na localização das áreas residenciais e de produção.

Neste ponto, ressalta-se que a localização industrial foi um dos fatores que influenciaram diretamente na dispersão territorial, sobretudo se consideramos a implantação do Distrito Agroindustrial de Itumbiara – DIAGRI, no extremo oeste da cidade, assim como outras plantas industriais relevantes situadas nas margens das rodovias BR-153 e BR-452. A indústria tem papel relevante para a economia do município, num contexto em que a agropecuária foi importante, "alavancando a criação da agroindústria e, posteriormente, atraindo outras indústrias, como no caso de Itumbiara, devido sua localização ou pela intervenção pública por meio de incentivos fiscais" (FIEG, 2018, p.13).

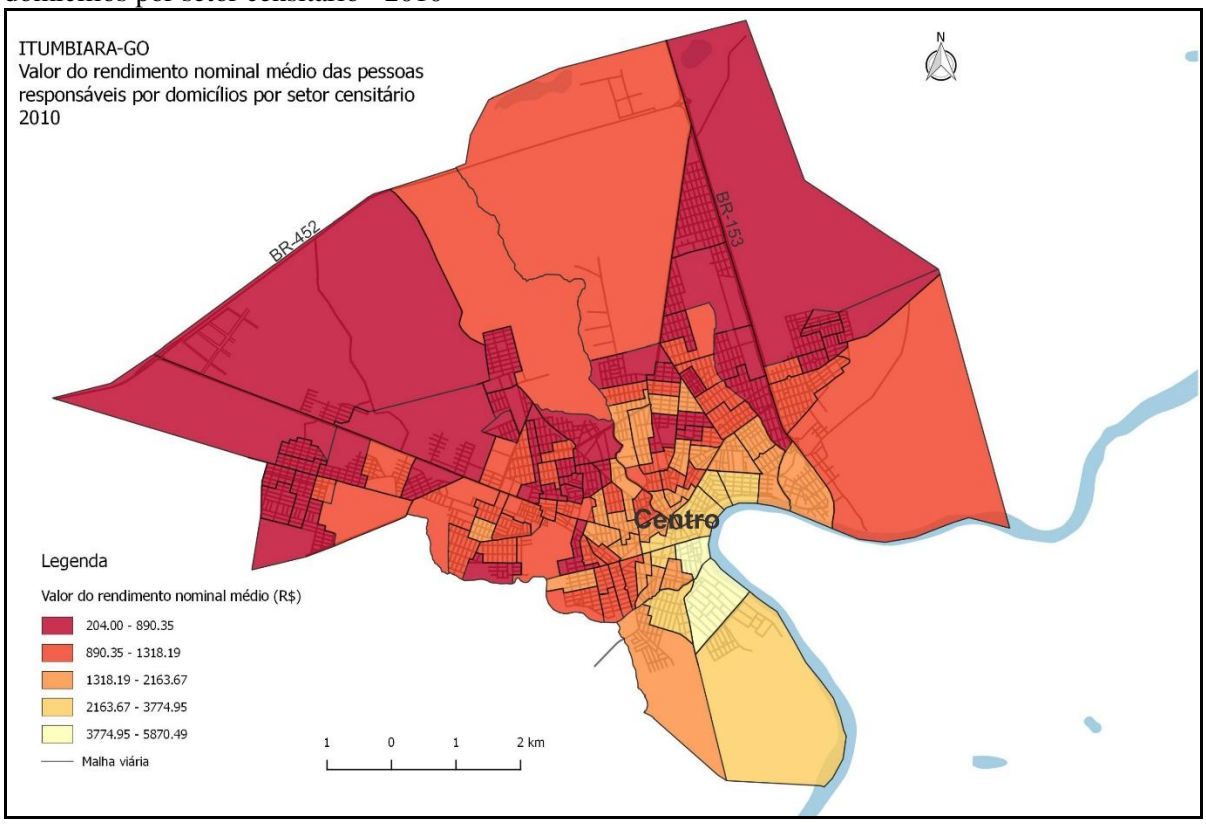
Além disso, vale destacar o papel das áreas residenciais no processo de dispersão territorial ao longo das últimas décadas, seja por meio de loteamentos privados quanto a partir de conjuntos habitacionais implantados pelo poder público. Nos últimos anos, por exemplo, é notável a implantação de conjuntos habitacionais do poder público no âmbito federal, estadual e municipal, incluindo-se iniciativas ligadas ao Programa Minha Casa Minha Vida – PMCMV, do governo federal, ao Programa Morada Nova, da Agencia Goiana de Habitação - AGEHAB, do governo estadual, entre outras. Conforme informações de Freire (2016), entre 2005 e 2012 foram produzidas cerca de três mil moradias por meio de programas habitacionais. Grande parte destes empreendimentos foram implantados em áreas periféricas mais distantes, a norte e a oeste. Ainda em relação à questão habitacional, destaca-se também a existência de três bairros em situação irregular, fruto de ocupações (CAVALCANTE, 2018), no extremo oeste da cidade, constituindo uma grande área residencial na periferia da cidade, com impactos expressivos na dispersão territorial.

Enquanto a dispersão territorial por meio dos conjuntos habitacionais e bairros da população de baixa renda fica bastante evidente, o processo de expansão urbana voltada para a população de mais alta renda tem ocorrido de maneira mais contida e contínua, sobretudo no setor sul da cidade, em áreas mais próximas do centro e das margens do rio Paranaíba. Este

aspecto fica evidente na figura 3, que apresenta a renda média dos responsáveis pelo domicílio por setores censitários.

Nota-se claramente a concentração das rendas médias mais elevadas na área central e nos setores ao sul da cidade. Por outro lado, as rendas médias mais baixas se fazem presentes em vasta área da periferia, principalmente ao norte e oeste da área urbana, ao longo dos principais eixos de circulação rodoviária.

Figura 3 – Itumbiara (GO): valor do rendimento nominal médio das pessoas responsáveis por domicílios por setor censitário - 2010



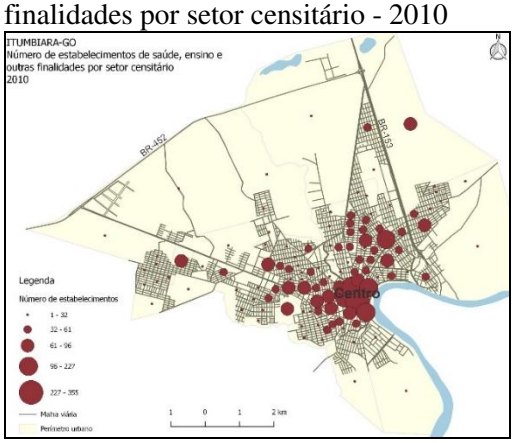
Fonte e base cartográfica: IBGE, 2010. **Org**.: Vitor K. Miyazaki, 2018.

Esta configuração espacial, de dispersão territorial a partir de áreas residenciais voltadas à população de mais baixa renda, torna-se problemática à medida que estes moradores precisam se deslocar por distâncias cada vez maiores em busca de serviços ou atividades comerciais. Isto porque Itumbiara, apesar da expansão territorial significativa verificada ao longo das últimas décadas, possui uma estrutura urbana monocêntrica, na qual a área central da cidade concentra grande parte dos estabelecimentos de comércio e serviços (figura 4).

Baseando-se nos dados do Cadastro Nacional de Endereços para fins Estatísticos, disponibilizados pelo IBGE no Censo Demográfico de 2010, nota-se que o maior número de

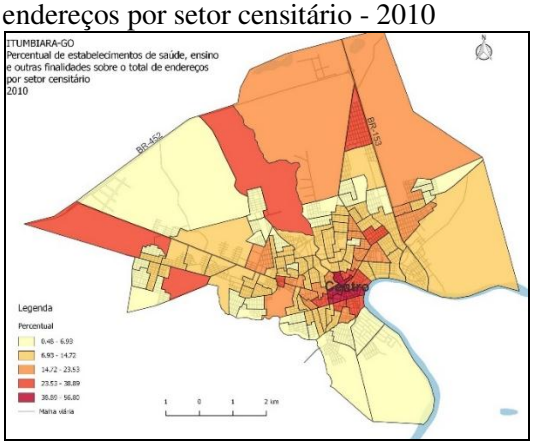
estabelecimentos de saúde, ensino e outras finalidades (que inclui a atividade comercial e de serviços) está concentrado na área central e, num segundo nível, em seu entorno, especialmente ao longo das principais ruas e avenidas. Ainda, se considerarmos a proporção de estabelecimentos sobre o total de endereços, esta configuração reforça a concentração na área central (figura 5), onde o percentual varia de 38 a 56%.

Figura 4 – Itumbiara (GO): número de estabelecimentos de saúde, ensino e outras finalidades por setor censitário - 2010



Fonte e base cartográfica: IBGE, 2010.
Org.: Vitor K. Miyazaki, 2018.

Figura 5 – Itumbiara (GO): percentual de estabelecimentos sobre o total de endereços por setor censitário - 2010



Fonte e base cartográfica: IBGE, 2010.
Org.: Vitor K. Miyazaki, 2018.

Já nas áreas periféricas este percentual dificilmente chega aos 15%, com exceção dos setores onde a presença de estabelecimentos está ligada à atividade industrial, principalmente nas proximidades das principais vias de circulação rodoviária. Este cenário pode indicar que há certa proximidade entre algumas áreas residenciais e locais de trabalho, quando se considera, por exemplo, a localização das unidades produtivas. No entanto, evidencia como muitas áreas residenciais estão distantes do centro e, consequentemente, dos locais onde há maior concentração dos principais estabelecimentos de comércio e serviços.

Portanto, além da questão inerente à dispersão territorial das áreas urbanas, é necessário atentar-se também para os processos e os conteúdos que se fazem presentes na caracterização dos diferentes setores da cidade. Neste sentido, as informações referentes à renda média dos responsáveis pelos domicílios e a localização e concentração dos estabelecimentos de comércio e serviços demonstram aspectos mais relevantes para além da simples dispersão territorial da cidade.

Whitacker (2007, p.4) afirma que "mudanças profundas na morfologia urbana denunciam um modelo de cidade que não é mais contíguo e concentrado e que, no nível da aparência, poderia fazer pensar num processo de urbanização homogêneo, com a diminuição

de diferenças formais entre as cidades". Ao analisarmos o caso de Itumbiara, ainda pautando-se apenas nestas variáveis iniciais, nota-se que não há uma homogeneidade no processo de urbanização, em decorrência das diferenças que caracterizam a cidade.

Além disso, a dispersão territorial e as diferenças que caracterizam cada parte ou setor da cidade não significam necessariamente um processo de criação ou recriação de centralidades, como talvez pode ser verificada em centros urbanos de maior porte e complexidade. Em Itumbiara, a centralidade permanece única, situada no centro principal, dada a concentração dos estabelecimentos de comércio e serviços, tornando a distância e o tempo a serem vencidos bastante expressivos para muitos moradores de baixa renda de bairros periféricos.

Tal cenário torna-se ainda mais problemático se consideramos, por exemplo, a precariedade e qualidade da infraestrutura de circulação ou mesmo do transporte coletivo público. Sobre este tema, Ribeiro et al. (2018) apontam possíveis deficiências do sistema de transporte coletivo em Itumbiara, num quadro de forte concentração das linhas de ônibus em duas áreas específicas, mais próximas ao centro, ao longo dos eixos das principais avenidas, privilegiadas pela quantidade e frequência de ônibus, o que torna a ligação dos bairros situados em áreas mais periféricas mais difícil. Os autores constataram ainda que o sistema conta com 13 linhas do tipo perimetral, em que o ônibus tende a percorrer trajetos longos ligando os bairros mais distantes passando pelo centro da cidade. Há linhas, por exemplo, que contemplam percursos de 33 quilômetros, deixando-as mais vulneráveis à atrasos e problemas no trajeto.

Portanto, a conformação de áreas urbanas territorialmente descontínuas não se resume apenas a um fenômeno físico, ou seja, da forma, pois nesse processo de dispersão, somam-se os conteúdos e as funções urbanas desempenhadas. Daí a necessidade de se relacionar com elementos como a centralidade urbana (e o acesso da população aos serviços e comércio, por exemplo) e o perfil da população que tem se apropriado desses espaços mais distantes e descontínuos.

As lógicas atuais dos diferentes agentes que atuam na produção do espaço urbano, no âmbito do modo capitalista de produção, têm reorientado as localizações, as concentrações e as extensões de suas formas espaciais. E as lógicas e interesses dos diferentes agentes têm se difundido e se materializado em diferentes realidades, impondo certas características, inclusive esta dispersão territorial marcada por uma expansão sem continuidade das áreas urbanizadas. Esta realidade torna as cidades mais complexas, demandando olhares que

compreendam as transformações no âmbito de suas configurações espaciais, mas que também considere elementos que contemplem as características socioeconômicas, por exemplo.

Nos dias atuais, é cada vez mais comum morar distante dos locais de trabalho, de consumo e de lazer, por exemplo. Os sistemas de transporte e comunicação permitem essas relocalizações, gerando formas urbanas cada vez mais descontínuas, dispersas e descompactas. Têm-se assim mudanças não só restritas às formas, mas principalmente em relação aos usos e os conteúdos das diferentes partes do espaço urbano que, mesmo fisicamente descontínuos, encontram-se espacialmente articulados. Porém, ressalta-se que em decorrência das desigualdades socioespaciais, nem todos os citadinos possuem a mesma capacidade e possibilidade de deslocamento. Neste quadro, há um desafio muito grande no sentido de compreender as transformações em curso nas cidades, inclusive para o planejamento e a gestão urbana.

Ao que parece, a legislação municipal em Itumbiara parte do princípio do reconhecimento de parâmetros importantes em relação aos problemas que a dispersão territorial da cidade pode causar. Siqueira (2015, p.17), ao analisar o Plano Diretor Municipal de Itumbiara, observa que certos artigos "objetivam reduzir os espaços vazios e produzir uma cidade compacta e com custos justos, além de apontar para a formulação de uma política habitacional com moradias dignas e regularização de áreas irregulares". No entanto, o autor menciona que as leis e políticas municipais em Itumbiara, semelhantemente à grande parte da realidade brasileira, baseia-se em um "discurso vago e sem aplicação real", colaborando para a manutenção ou mesmo ampliação dos problemas urbanos.

Para contribuir neste debate, torna-se fundamental o desenvolvimento de estudos que contribuam para uma melhor caracterização, descrição e análise das cidades, inclusive para subsidiar o planejamento urbano e as políticas públicas. Nessa direção, ao se analisar a morfologia urbana, a partir de uma perspectiva que contempla dinâmicas e processos da urbanização, evidencia-se aspectos e caminhos importantes no sentido de contribuir para o aprofundamento dos estudos urbanos.

Considerações finais

Nas últimas décadas, o processo de urbanização se intensificou e tem gerado mudanças significativas nas configurações territoriais das cidades brasileiras. O desenvolvimento dos sistemas de transporte e comunicação, somado às lógicas e interesses da produção das cidades, tem alterado de maneira considerável os padrões de localizações de

diferentes atividades, contribuindo para tornar as configurações espaciais ainda mais complexas, com repercussões diretas na morfologia. Tais modificações não são exclusivas apenas das grandes cidades e metrópoles, uma vez que centros urbanos de diferentes portes e contextos regionais também têm passado por transformações relevantes no âmbito de suas configurações territoriais, segundo lógicas da produção capitalista do espaço urbano.

Nesse contexto, tem-se um desafio no sentido de analisar e compreender as transformações no âmbito da dispersão territorial sem, contudo, omitir aspectos importantes relativos aos processos e os conteúdos do espaço urbano. Diante disso, a análise da morfologia urbana, numa abordagem que não se restringe apenas às formas espaciais, pode possibilitar uma visão relevante para os estudos urbanos, inclusive para diagnósticos voltados para políticas públicas no âmbito do planejamento urbano, por exemplo.

Em Itumbiara, no que diz respeito à configuração territorial urbana, evidencia-se uma dispersão significativa, mesmo considerando-se o porte demográfico da cidade, bastante marcada por descontinuidades em seu processo de expansão. Mais do que isso, uma visão mais ampla da morfologia urbana demostra aspectos importantes que contemplam questões sobre centralidade e características socioeconômicas. Assim sendo, é fundamental o estabelecimento de políticas públicas que considerem esta estrutura morfológica da cidade no âmbito de suas ações de planejamento e políticas públicas em geral.

REFERÊNCIAS

BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbnkian, 1997.

CAPEL, H. **La morfología de las ciudades** – 1. Sociedad, cultura y paisaje urbano. Barcelona: Serbal, 2002.

CARLOS, A. F. A. Da "organização" à "produção" do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, A. F. A; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (org.) **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTE, A. S. **A cana-de-açúcar na cidade de Itumbiara-GO**: histórias e contradições. 2018. 306f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CORRÊA, R. L. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, A. F. A; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (org.) **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FARIAS, A. R.; MINGOT, R.; VALLE, L. B.; SPADOTTO, C. A.; LOVISI FILHO, E. Identificação, mapeamento e quantificação das áreas urbanas no Brasil. **Comunicado Técnico**. Campinas: Embrapa, 2017.

FIEG. **Polos industriais do estado de Goiás**: Itumbiara: Federação das Indústrias do estado de Goiás, 2018.

FREIRE, N. Zé Gomes da Rocha e o milagre da construção de três mil moradias populares em Itumbiara. **Diário de Itumbiara**. Itumbiara: Diário de Itumbiara, 2016. Acesso em 3 de set. 2018.

GEORGE, P. **Geografia urbana**. São Paulo: Difel, 1983.

GOTTDIENER, M. **A produção capitalista do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 2010.

HOLANDA, Fredeico de; KOHLDORF, Elaine; FARRET, Ricardo; CORDEIRO, Sônia. Forma urbana: que maneiras de compreensão e representação? **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Anpur, n.3, p.9-18, 2000.

IBGE. **Base de Informações do Censo Demográfico 2010**: resultados do Universo por setor censitário. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE. **Carta topográfica Itumbiara –** Folha SE-22-Z-B-I. Rio de Janeiro: IBGE, 1973.

IBGE. **Região de Influência das Cidades -** 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1999.

LIMA, V. B. A urbanização goiana: os fatores de origem e crescimento da cidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais**... São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p.7825-7852.

MIYAZAKI, V. K. O processo de aglomeração urbana entre Itumbiara/GO e Araporã/MG: uma análise sobre a continuidade territorial e espacial. In: PORTUGUEZ, A. P.; CASTANHO, R. B.; MATOS, P. F. (org.). **Leituras geográficas**: ensaios teóricos sobre temas da contemporaneidade. Ituiutaba: Barlavento, 2016. p.43-57.

PACIONE, M. **Urban Geography**. A global perspective. 3ª ed. New York: Routledge, 2009.

REIS, M. O. M.; PANTALEÃO, S. C. Cidades médias goianas: crescimento urbano, ocupação territorial e dinâmica econômica. **Estudos**. Goiânia: PUC/Goiás, 2014. v.41. p.155-174.

RIBEIRO, S. F.; MARQUES, M. E. B.; CRUZ, N. N. D. Mapeamento digital como ferramenta auxiliar ao reordenamento das rotas do transporte coletivo do município de Itumbiara-GO. In: Semana de Educação, Ciência e Tecnologia – SECITEC, 1., 2018, Itumbiara. **Anais**... Itumbiara: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, 2018. p.1-5.

RODRIGUES, V. P. **Percepção ambiental dos usuários da Avenida Beira Rio na cidade de Itumbiara-GO**. 2014. 169f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

RONCAYOLO, M. **La ville et ses territoires**. Paris: Gallimard, Folio Essais, 1990.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, n.54, 1977, p.81-100.

SANTOS, M. **Manual de Geografia urbana**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SIQUEIRA, B. O papel do Estado, do capital financeiro e imobiliário na produção do espaço urbano de Itumbiara (GO): uma análise a partir do programa habitacional "Minha Casa Minha Vida" no período 2009 a 2014. In: Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Regional, 1., 2015, Catalão. **Anais**... Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2015. p.9-26.

SPOSITO, M. E. B. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 508f. Tese (Livre Docência). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

WHITACKER, A. M. Inovações tecnológicas, mudanças nos padrões locacionais e na configuração da centralidade em cidades médias. **Scripta Nova** - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona. v.11, n.245, ago. 2007.

Agradecimentos:

Registramos os nossos agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG, pelo financiamento.